
Seu Lunga, “o homem mais zangado do mundo”: a cobertura da morte pelo jornal O Povo

*Seu Lunga, “the angrier man”:
the cover of the death by newspaper O Povo*

GISELE CARVALHO¹

Resumo: No dia 22 de novembro de 2014, Seu Lunga faleceu. O homem, que já era midiaticado nos folhetos de cordel, em páginas de revistas, em programas de televisão e na Internet, teve a morte tornada um espetáculo, como é comum aos olímpicos (MORIN, 2011). Uma das maiores coberturas realizadas sobre o fato se deu pelo jornal cearense O Povo, com matérias publicadas no site, ainda no dia 22, e no impresso nos dias 23, 24 e 25 de novembro, incluindo notícias sobre o sepultamento e reportagens especiais sobre a importância de Seu Lunga para a cultura cearense. Neste trabalho, analisamos as matérias produzidas pelo Jornal O Povo, com foco em uma perspectiva folkmediática (LUYTEN, 2006), que observa as interseções entre a mídia massiva e os elementos da cultura popular. Seu Lunga pode ser considerado este elemento por ser um personagem do imaginário coletivo nordestino e que teve uma imagem - de grosseria - difundida pelos folhetos de cordel. Para isso, realizamos também uma reflexão teórica em torno dos conceitos de critérios de noticiabilidade para Wolf (2012), de personagem para Bakhtin (2011), Brait (2006) além dos conceitos de olímpicos e folkmídia, já mencionados. Para isso, analisamos os textos publicados pelo jornal O Povo no site e no impresso, identificando as características que se aproximam daquelas destacadas pelo personagem dos folhetos, observando que o produto desenvolvido por um veículo de massa utiliza também os elementos da cultura popular, seja no texto, na descrição do personagem e mesmo nas ilustrações apresentadas nas páginas.

Palavras-Chave: Seu Lunga; Personagem; Jornal O Povo; Folkmídia.

Abstract: On November 22, 2014, Seu Lunga died. The man, who was already mediatized in string of brochures, magazines pages, in television and Internet programs, had become death a spectacle, as is common to Olympians (Morin, 2011). One of the largest roofing made about the fact was due to the Ceará newspaper The People, with materials published on the site, still on 22, and printed on 23, 24 and 25 November, including news about the burial, special reports on the importance of Seu Lunga for Ceará culture. In this paper, we analyze the material produced by the newspaper The People, focusing on a folkmediática perspective (LUYTEN, 2006), which observes the intersections

1. Jornalista. Mestre em Estudos da Mídia (UFRN). Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

between the mass media and elements of popular culture. Seu Lunga can be considered this element to be a character in the collective imagination northeastern and had a picture - rudeness - spread by string brochures. For this, we also conducted a theoretical reflection on the concepts of newsworthiness criteria for Wolf (2012), from character to Bakhtin (2011), Brait (2006) beyond the concepts of Olympians and folkmedia, already mentioned. For this, we analyzed the texts published by the newspaper The People on the website and in printed, identifying the characteristics approaching those highlighted by the character of the leaflets, noting that the product developed by a ground vehicle also uses elements of popular culture, whether in text in the description of the character and even the illustrations on pages.

Keywords: Seu Lunga; Character; Jornal O Povo; Folkmedia.

JOAQUIM DOS SANTOS: SEU LUNGA

JOAQUIM DOS Santos Rodrigues morava em Juazeiro do Norte, no Cariri Cearense, a 516 km de Fortaleza, e faleceu em 23 de novembro de 2014. Chamado de "Seu Lunga", ele ficou conhecido por respostas grosseiras a perguntas consideradas tolas e virou um personagem, cujas histórias circulam através de conversações cotidianas, folhetos de cordel e veículos de mídia massiva. O personagem, então, alcança um amplo destaque regional, tendo seu nome associado às situações de grosseria, chegando ser identificado, também, nacionalmente a partir de produções que o apresentam como "o homem mais ignorante do mundo".

Seu Joaquim era dono de uma sucata que funcionava no centro da cidade e que vendia uma grande variedade de objetos que se confundem aos olhos do visitante que desconhece a organização daquele espaço. Transparecia simplicidade. Vestia-se como um sertanejo é capaz de ser reconhecido: usava camisa de botão, calça de pano, sandálias e um chapéu de massa para proteger do sol. Trabalhava diariamente na sucata, onde não tinha empregados. Era devoto de Padre Cícero, como sugere a religiosidade da cidade de Juazeiro do Norte. As feições do rosto demonstravam um ar de cansaço e de pouca paciência. O discurso sobre suas opiniões nos mostravam certa intolerância com o que diverge de seus pensamentos. Ideias que pareciam fixas e com poucas possibilidades de mudança. Interessado em política – já fora candidato a vereador da cidade de Juazeiro do Norte – e em poesia – recitava seus versos a quem pedisse.

Mas nenhuma destas características foi considerada tão marcante. Seu Joaquim ficou conhecido com o homem das respostas grosseiras. Aos poucos, as histórias dos diálogos que aconteciam na sucata começavam a tomar forma de piada e se espalharem. Um indivíduo que viveu a situação contava a outra pessoa, que repassava a história a outro grupo e os relatos iam se difundindo potencialmente. Cada história contada pela subjetividade do interlocutor, que vai adaptando os fatos de acordo com sua memória, com a estética do discurso, incluindo ou retirando elementos que julgue interessantes e atuando como testemunhas oculares, contando o que viam, ou auditivas, relatando o que ouviam falar. A realidade vai sendo construída por cada mediador que difunde o aspecto de grosseria de Seu Joaquim.

A criatividade dos sujeitos não fica restrita aos discursos que foram produzidos por Seu Joaquim e as suas adaptações. A grosseria das respostas foi se espalhando pelos boatos e aos poucos, histórias de diálogos com respostas inesperadas eram criadas e passavam a ser atribuídas a Seu Lunga. "Não existe muita riqueza de argumentação ou um intrincado desafio linguístico: é construir um contexto, formular uma pergunta que possa provocar seu gênio irascível e antever a resposta" (CARVALHO, 2006, p. 82). Ele se torna uma sinédoque, ou seja, um sujeito que agrega o imaginário de diversos atos que não necessariamente tenha realizado, de comportamentos grosseiros, de respostas impacientes, que para serem tomadas como reais, precisam de um sujeito que as execute.

Assim, Seu Joaquim, aquele homem simples da sucata, de repente, passa a ser tratado como um personagem cômico, o protagonista das histórias de perguntas ingênuas e respostas intolerantes, o Seu Lunga. Segundo Carvalho (2006), ele tem tido sua imagem modelada e cristalizada pelo povo. O homem real vira, então, uma caricatura, uma representação que é transmitida e retransmitida constantemente quando o assunto é "ignorância".

Personagem local que passa a ser midiaticizado. Inicialmente, pela mídia cordel, como um registro da história cotidiana que começa a fazer um registro daquilo que as pessoas contam sobre o homem que se tornou importante, que se tornou um destaque da cultura local. Um homem que tem sua representatividade social por fazer parte do coletivo de significados que a cidade de Juazeiro do Norte possui, e que não fica restrito à cidade, tanto que passa a aparecer em veículos de circulação nacional.

SEU LUNGA PERSONAGEM DE CORDEL

Seu Lunga é, então, um personagem midiático. Cria-se um cenário em torno de suas representações, que o constituem enquanto elemento principal de uma narrativa cômica e que se consolida no imaginário coletivo a partir das construções midiáticas, seja nos folhetos, onde tem mais força, seja na televisão ou nas revistas, que permitem que Seu Lunga seja transportado do espaço de Juazeiro do Norte para todo o Brasil.

Em uma narrativa, o personagem é quem conduz as ações. É nele que se concentram os fios condutores das histórias contadas. Personagem, segundo Rosenfeld (2011), constitui ficção. O conceito de Brait (2006) também enquadra o personagem no âmbito da ficção e a define como "ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidos a partir dos recursos utilizados para a criação" (BRAIT, 2006, p. 31). Neste trabalho consideramos as definições dos autores, mas ampliamos a compreensão da personagem para as demais formas narrativas que ultrapassam a ficção. Temos personagens em textos jornalísticos, em relatos históricos, em folhetos de cordel. Entendemos aqui que personagem é a representação discursiva de um condutor antropomorfizado das ações constituintes de uma narrativa.

Assim, Seu Lunga, que não constitui exatamente um personagem de ficção, mas que perpassa as atividades criativas e imaginativas dos poetas de cordel e que possui um referente na realidade cotidiana, ainda que com características distorcidas, é também considerado personagem e como tal é tratado aqui. Segundo Bakhtin (2011), o autor vivencia sua personagem, e a atitude essencialmente criadora está em inserir-lhe imagens.

Rosenfeld (2011, p. 32) considera que "a nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais é extremamente fragmentária e limitada", enquanto os personagens são acessíveis em toda a sua essência, pelo menos toda aquela que se pretende apresentar para a realização das ações narrativas, sejam quais forem suas intencionalidades.

Rosenfeld (2011) fala que a criação de personagens está situada em zonas indeterminadas, que se atém a elementos que não precisam ser dados ou descritos. Estas zonas representariam aquilo que não foi objetivado em forma de linguagem, mas que se constitui como imagens mentais, que decorrem justamente da limitação das orações das narrativas, que é a possibilidade da imaginação.

Assim, temos um acesso à consciência de Seu Lunga - personagem - que se faz muito mais amplo do que seria possível com relação a Seu Joaquim. Por isso, tem-se uma ideia em relação ao personagem de conhecimento de toda a sua essência, sensação de onisciência dentro da narrativa por parte do autor, mas também por parte dos leitores/ouvintes que se sentem em uma posição de supor o tipo de resposta que seria dada por Seu Lunga em determinadas situações. Enquanto Seu Joaquim apresenta diversas características que compõem uma personalidade que não pode ser totalmente descrita nos folhetos, mas a partir deles abre-se a possibilidade de imaginação.

Os personagens, então, se mostram mais coerentes que as pessoas reais, com menos contradições. Seu Lunga só é compreendido dentro de um contexto de grosseria, enquanto Seu Joaquim, ao passo que é grosseiro em algumas atitudes, se mostra delicado ao compor versos de poesia, o que pode se configurar como uma incoerência narrativa. Assim, o autor decide qual é o rumo de seu personagem, selecionando situações e aparências físicas e de comportamento que mereçam destaque, tornando os personagens, segundo Rosenfeld (2011), seres humanos puramente transparentes, em termos epistemológicos, à nossa visão.

Essa construção de uma representação é chamada por Bakhtin (2011) de excedente da visão estética, considerando-as como criações, por tratarem-se de conhecimentos limitados sobre o outro. Os autores nunca conhecerão por completo a essência de Seu Joaquim, assim, sua representação é feita como personagem a partir de atividades contemplativas, que permitem as atividades criativas. As imagens externas são vivenciadas unicamente pelos indivíduos e temos a sensação de apreender completamente a personagem, pois suas formas caricaturais nos são apresentadas como se representassem o todo.

A consciência do autor envolve a consciência e o mundo de seu personagem, conhecendo tudo o que o caracteriza, o que ele conhece, o que ele sente, mesmo as sensações que sejam inacessíveis aos próprios personagens. "O modo como eu vivencio o eu do outro difere inteiramente do modo como vivencio o meu próprio eu" (BAKHTIN, 2011, p. 35). As afirmações do personagem sobre si mesmo, na verdade, são afirmações do autor sobre a consciência da personagem, são representações. O outro que percebemos não é o outro real. Sua completude está inacessível e apenas podemos ter acesso ao que sobre ele é construído. Como em um ciclo, isso vai acontecendo em forma de discursos sobre discursos.

Wood (2012) considera que conhecemos os personagens a partir das formas como eles nos são apresentados pelos autores, que algumas vezes é como outros personagens

o veem. Conhecemos os personagens pelo que Bakhtin (2011) chama de excedente da visão estética. Nossa interpretação sobre os personagens são construídas a partir do que os autores constroem sobre elas. No caso de Seu Lunga, são vários autores que o constroem, coletivamente ainda que de forma independente. Cada um com seus discursos constroem elementos de um personagem em comum. Conhecemos Seu Lunga a partir do que sobre ele é dito em folhetos de cordel, em programas de televisão, em jornais e revistas. Mesmo em entrevistas, quando a possibilidade de fala era oferecida ao homem-personagem, a construção das perguntas o direcionava ao reforço das características de personagem.

Assim, a atividade criativa que gera a imagem de Seu Lunga não pode ser considerada individualmente, já que cada poeta, assim como cada narrador oral, insere elementos nesse personagem ao qual temos acesso. Seu Lunga é o resultado de uma série de diálogos que compõem novos discursos, conforme sugere o dialogismo de Bakhtin (2011). É a partir dos diálogos que o imaginário é constituído, em seu sentido mais amplo, e no caso da construção do personagem Seu Lunga, estes diálogos podem ser identificados e analisados a partir dos discursos dos folhetos.

Em cada caso contado sobre Seu Lunga, novos elementos decorrentes das ações se constituem como construtivos dos personagens. Cada personagem Seu Lunga, de cada poeta, é um personagem diferente e que contribui com traços para constituir a imagem do Seu Lunga que se faz marcante nos imaginários nordestinos.

Por tratar-se de um personagem, Seu Lunga não surge de suas próprias forças de existências, mas há uma inspiração em um homem que também se configura como autor, quando cria traços de personalidade. Nos referimos aqui à autoria dos poetas, que decorre da oralidade que se inspira no autor primeiro, que é o próprio Seu Joaquim. Mas a configuração do personagem enquanto tal está na "compreensão participativa e o acabamento do acontecimento da vida dela por um espectador em realidade cognoscente e eticamente alheio" (BAKHTIN, 2011, p. 13), ou seja, na imagem que se constrói na recepção.

Seu Lunga é descrito nos folhetos, atribuem-se adjetivos, faz-se juízo de valor sobre sua personalidade, mas a força de sua caracterização está nas ações que se repetem: perguntas ou comentários triviais que recebem respostas grosseiras. Segundo Bakhtin (2011), o todo semântico do personagem só pode adquirir significação neste conjunto entre traços descritivos e ações. Através do ato, realiza-se uma significação concreta, que depende de fins e de meios, não apenas de determinações dos personagens.

Brait (2006) classifica este tipo de personagem como plano, ou seja, "definidos com poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor" (BRAIT, 2006, p. 41). Personagens planos podem ser subdivididos em "tipos", que são peculiares, mas não deformados, e "caricaturas", quando uma única característica é levada ao extremo, causando distorção e, segundo Brait (2006), normalmente está a serviço da sátira. Seu Lunga é uma caricatura em que apenas a grosseria recebe destaque em suas ações, sendo distorcida ao ponto de representar situações inverossímeis ou de agressões a si próprio.

Nos versos de cordel, são sempre os traços de grosseria que são relatados. Apesar de alguns poetas destacarem outras características quando iniciam os folhetos, as ações realizadas pelo personagem têm sempre uma mesma forma, seguem estruturas semelhantes e o conteúdo se refere ao mesmo traço constitutivo, que é o das respostas agressivas.

Classificar Seu Lunga como um personagem plano não significa considerá-lo pouco vivo, ou que isso o coloque em um campo de significação distanciado da realidade cotidiana. Em vez disso, fixar-se em uma característica e assumir o posicionamento de um único olhar remete à complexidade do personagem como todo, do qual o autor não dará conta. Faz-se assim uma caricatura, destacando um elemento apenas para representar este todo. "Terei de admitir que muitos personagens ditos planos me parecem mais vivos e mais interessantes como estudo humano, por mais efêmeros que sejam, do que personagens redondos a que supostamente estão subordinados" (WOOD, 2012, p. 94).

Seu Lunga descrito nos versos é a personificação, a representação de uma ideia. Uma significação que remete a um homem real e ao mesmo tempo cria outro, cria vários, com características estereotipadas, que variam nos folhetos apenas em alguns detalhes, mas mantém os formatos de construção de realidades que se refletem no cotidiano, nas falas, nos interpretantes, que se formam a partir das leituras dos versos.

Seu Lunga, então, torna-se um símbolo cujo significado é a grosseria. Possui características pré-determinadas, e se faz possível construir diversos "Seu Lunga" a partir destes traços estruturais. Assim, a relação entre Seu Lunga e respostas grosseiras passa a compor o imaginário coletivo, remetendo-se mutuamente como representações simbólicas.

Na constituição do folheto, o personagem Seu Lunga é fundamental, pois os gracejos estão centrados em suas ações de protagonista. Ele interage com outros interlocutores, mas eles não são fixos nos causos. Alguns até aparecem mais de uma vez, como é o caso da esposa de Seu Lunga, mas ela não é descrita nem recebe características, apenas sofre as ações.

Seu Joaquim considera que os causos não representam a realidade, mas o nome do personagem coincide com seu apelido e as histórias de grosserias remetem a comportamentos rudes que Seu Joaquim assume possuir, com a justificativa de exigir denotações linguísticas nas perguntas que lhe fazem.

Apesar de considerar que os versos de cordel não representam o que ele chama de realidade, Seu Joaquim tem comportamentos que levam à identificação dos dois "Lunga" como sendo o mesmo. "Olhando através dessa tela da alma do outro, reduzida a meio, eu vivifico e incorporo a minha imagem externa ao mundo plástico-pictural" (BAKHTIN, 2011: p. 29). Personagem e indivíduo se confundem e se misturam o tempo inteiro, porque o próprio Seu Joaquim, por vezes, incorpora as ações que são reproduzidas nos folhetos e que ele critica, mas não desconstrói.

REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA: SEU LUNGA ALÉM DOS FOLHETOS

Seu Lunga, como personagem midiático, é um olimpiano, que, segundo Morin (2011), representa vedete da grande imprensa, as chamadas celebridades. Indivíduos cujas vidas se confundem entre o público e o privado, cujas ações se confundem entre o interesse coletivo e a representação midiática, que transitam constantemente entre real e imaginário. Seu Lunga, então, é um olimpiano, cujo olimpismo surge do imaginário,

do papel encarnado nos folhetos de cordel, da construção que foi feita do personagem dos versos. Vira uma celebridade, uma personalidade que a audiência tem interesse em conhecer. Visitar a sucata, tirar foto, tentar fazer uma pergunta óbvia para receber uma resposta grosseira de Seu Joaquim, conforme propõe o imaginário construído, passa a ser pauta turística de quem visita Juazeiro do Norte.

Como celebridade, Seu Lunga era constantemente pauta de veículos de mídia tradicionais, além dos folhetos de cordel. Seu Lunga escapa dos espaços do cordel. Ele é representado como homem real em outros espaços midiáticos. Matérias apoiadas no grotesco, no exótico de seu comportamento. Mostram "o homem mais ignorante do mundo", o entrevistam e reforçam as características descritas nos folhetos de cordel. Algumas outras matérias se dedicam a mostrar outras faces do personagem, apresentando-o como poeta, como político, como homem comum.

Temos, então, um personagem da cultura popular que, além de aparecer nos folhetos, alcança também os outros veículos de mídia. Quando isso acontece, quando há uma mediação entre elementos da cultura popular e os meios de comunicação de massa, temos, então o conceito de folk mídia, definido por Luyten (2006) como a "iniciação entre os meios de comunicação de massa e a folkcomunicação, ou seja, o uso tanto de elementos oriundos do folclore pela mídia como a utilização de elementos da comunicação massiva pelos comunicadores populares" (p. 41).

Essa mediação é percebida, principalmente, pelas significações que Seu Lunga permanece dotado quando chega aos espaços da comunicação de massa, que repercutem as características desenvolvidas pelos folhetos de cordel e pelo imaginário coletivo. O ponto de partida da construção dos textos é sempre o mesmo, ainda que o desenvolvimento das matérias caminhe por direções distintas. Busca-se revelar quem é Seu Lunga, a existência real do "homem mais zangado do mundo". Mesmo as matérias que trataram de sua morte tiveram como ponto de partida as piadas sobre a grosseria de Seu Lunga, fosse com a utilização de imagens de arquivos em que este comportamento pudesse ser reforçado, fosse em sonoras com entes de Seu Joaquim, cujas perguntas faziam referência ao comportamento pouco paciente.

Revistas, programas de televisão e vídeos na Internet costumam se inspirar nos causos e no estereótipo construído sobre ele para fazerem matérias em busca deste homem tão mencionado e procurado nos folhetos de cordel. Um personagem exótico, que desperta a curiosidade, que é imaginário, mas que morre e, assim, declara sua humanidade - distante dos deuses imortais do olimpo.

A morte, por si só, já representa um critério de noticiabilidade, que "é constituída pelo complexo de requisitos que exigem para os eventos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas -, para adquirir existência pública de notícia" (WOLF, 2012, p. 195). A morte de um olimpiano, um indivíduo do cotidiano transformado em imagem midiática, recebe um maior valor-notícia. É o que Wolf (2012) caracteriza como o critério substantivo que se refere ao interesse da notícia. Interesse despertado pelo caráter de celebridade que Seu Lunga adquiriu ao ser tratado como objeto do imaginário coletivo, mas que tinha também uma representação na realidade cotidiana.

O impacto da morte é um valor-notícia. E sobre este acontecimento, seguem-se várias formas de abordagem: matérias sobre a vida de Lunga, sobre como ele se tornou personagem, sobre sua representação em folhetos de cordel, além da cobertura da morte e sua factualidade, que acompanha o velório e as homenagens no enterro, entrevista parentes e estudiosos e constrói um luto coletivo pela perda de um olimpiano que se mostra homem por sua mortalidade.

Temos então formas diferentes de construções midiáticas que estão pautadas no espetáculo em torno do personagem, que exploram seu cotidiano e que criam novas formas de cristalizar uma imagem e transformá-lo em personagem. Seja nos folhetos, seja nas revistas, Seu Lunga é ainda um ator que desperta curiosidade para reforçar ou para desmentir estereótipos. E todas as características que dão forma a esta caricatura estão postas em campos finitos de significação em verso e em prosa. Observamos, assim, que não apenas folhetos, mas também a mídia em geral atua na construção de um espetáculo em torno deste homem que é transformado em personagem midiático.

A COBERTURA DA MORTE E O CASO DO JORNAL O POVO

O Jornal O Povo, através de seu portal, noticiou a morte de Seu Lunga ainda no sábado, dia 22, às 11h10 da manhã². De imediato, no título, deixa a marca que seguirá por todos os textos seguintes publicados tanto no site O Povo Online, como no jornal impresso: a morte de um personagem. "Morre poeta e personagem cearense Seu Lunga" cumpre a função informativa do título de uma notícia na Internet, que deve ser curto e completo, inclusive para que quem não tenha interesse no clique não precise realizá-lo. Para além da questão jornalística, que não é o objetivo de análise deste trabalho, observamos que o Seu Lunga noticiado tem um elemento de realidade, o fato de ser poeta, mas é também um personagem e, portanto, sujeito imaginário.

Ser considerado personagem, como proposto em uma revisão bibliográfica já realizada neste artigo, produz um sentido que não necessariamente implica tratar-se de personagem de ficção. O personagem pode ser um sujeito que, dotado de ações, conduz inclusive narrativas do real. Um personagem histórico, personagem de uma matéria jornalística, personagem cultural... Ou mesmo o ficcional. Que pode ser associado a um sujeito real e temos, então, um olimpiano, conforme proposto por Morin (2011). Apenas pelo título não conseguimos ainda identificar que tipo de personagem Seu Lunga representa neste momento, tampouco suas características. Para isso entramos no texto.

Subtítulo e lide da notícia mencionam o acontecimento que está sendo noticiado, e os três parágrafos seguintes seguem um padrão de pirâmide invertida, tradicional ao jornalismo, com as informações apresentadas em ordem decrescente de importância a partir do critério de atualidade. Seu Lunga, que é chamado aqui de "sucateiro", assim como no subtítulo, fazendo referência ao comércio de sua propriedade e, portanto, à realidade cotidiana de Seu Joaquim, cujo nome real também é mencionado no lide. Até aí temos uma representação do homem real, que tinha uma identidade, uma profissão e que morreu. A morte, aqui, atesta sua humanidade, sua existência na realidade cotidiana e um distanciamento do personagem de ficção.

2. Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/11/22/noticiafortaleza,3351903/morre-poeta-e-personagem-cearense-seu-lunga.shtml> Acesso: 20 de março de 2015.

Mas a partir do quinto parágrafo começam a aparecer elementos que marcam a transitoriedade que existe entre Seu Lunga real e Seu Lunga personagem construído. Aqui, ao destacar a característica que fez Seu Lunga tornar-se conhecido, o situa imediatamente como personagem folclórico. Esta classificação faz referência aos aspectos mitológicos que dão aos personagens o caráter de lenda, ou seja, situações que se tornam conhecidas, mas sobre as quais não se tem confirmação. Ao ser mencionado como este tipo de personagem logo depois de destacar aspectos de sua realidade cotidiana, e ainda traçar um paralelo entre o elemento desta realidade e o que o torna personagem, mostra que há um fluxo entre facticidade e ficção. Este mesmo parágrafo se repete em outra publicação, do dia do sepultamento.

Ainda nesta notícia temos uma espécie de arquivo que retoma uma dita "biografia" de Seu Lunga. O subtópico faz referência ao nascimento de Seu Lunga e seu casamento, mas oferece mais destaque a uma entrevista realizada em 2009 pelo Jornal o Povo, em que Seu Lunga nega as características dita folclóricas sobre sua personalidade, ou seja, ele mesmo buscava se afirmar enquanto homem real e negar-se enquanto personagem. Mas quando a abordagem é feita pelos veículos midiáticos, o que percebemos é uma retomada dessa transição, que oferece o caráter olimpiano de Seu Lunga: uma hora ele é o homem que afirma ser diferente do sujeito grosseiro descrito nos folhetos. Outra hora ele é rude ao responder aos repórteres que fazem o que ele chama de "pergunta besta". Isso faz parte da biografia que é descrita na notícia.

A matéria é encerrada com uma lista de causos atribuídos a Seu Lunga. Como uma forma de referência, de contextualização. Porque quem não soubesse quem é o Seu Lunga real, certamente saberia quem era o personagem das anedotas. E contextualiza ainda as características do personagem. Além disso, reforça novamente a transitoriedade entre Seu Joaquim e Seu Lunga - personagem. Mesmo a notícia da morte demanda o resgate do personagem. Morre o homem e morre o personagem, já que ambos estavam encarnados na mesma figura. Mesmo assim, as piadas reforçam o estereótipo criado em torno de Seu Joaquim, ainda mais por estarem legitimados em um espaço que pressupõe credibilidade, que é a mídia com a marca de um grande jornal cearense. O relato do real ainda precisa, neste caso, do ficcional para se constituir como notícia. Porque é esta ficção que dá a Seu Lunga o caráter olimpiano e, portanto, atribui valor-notícia a sua morte.

No dia seguinte, dia 23³, a única notícia veiculada nos canais do O Povo fazia referência a uma atualização do fato, que noticiava, então, o horário e o local do sepultamento de Seu Lunga. Utiliza um *hiperlink* para a matéria sobre a morte publicada no dia anterior e no último parágrafo é que se refere ao personagem, classificando-o como "um dos principais da cultura nordestina". Fala ainda em um "temperamento agreste", como sinônimo de agressivo e destaca a comicidade que o personagem adquiriu ao falar em "tiradas bem-humoradas". Esta comicidade é outro elemento que faz sobressair o personagem ao homem real, que se dizia incomodado ao ser objeto de riso e, por isso, teria processado o poeta Abraão Batista.

3. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/ceara/juazeirodonorte/2014/11/23/notjuazeirodonorte,3352195/sepultamento-de-seu-lunga-ocorrera-na-tarde-deste-domingo-em-juazeiro.shtml> Acesso: 20 de março de 2015

Dia 24⁴ de novembro foram publicadas notícias sobre o velório. No Jornal O Povo, novamente, a publicação foi online. Continha uma foto da funerária e Seu Lunga no caixão. A primeira referência ao personagem é feita no subtítulo, colocando "personagem do folclore cearense" como aposto a Seu Lunga. Voltamos às referências ao real quando temos a fala de um parente, que opina sobre as homenagens feitas no velório ao Seu Joaquim que, normalmente, era responsável pelas homenagens fúnebres na família. Esta menção não passa pelo personagem, mas retorna a ele no parágrafo seguinte, quando o apresenta como personagem de folhetos de cordel. Aqui, é mencionada a principal característica do Seu Lunga personagem, o comportamento "arredio", mas ao mesmo tempo retorna à realidade cotidiana dando a um especialista a fala de que os causos não seriam verdadeiros. Mesmo situado no espaço da realidade cotidiana, o próprio pesquisador não nega as características do homem real, próximas às do personagem:

Lembro de uma vez que fui ao endereço de Seu Lunga com meu pai e encontramos um garoto no balcão. Chegando lá o garoto teria dito: 'Seu Lunga, lá fora tem dois homens'. Ao que ele teria respondido: 'Pois vá lá fora e diga que aqui tem três'. Em seguida, lá vinha o Lunga, ele mesmo rindo da brincadeira e nos contando a história", relembra Casimiro. (Redação O Povo Online)

Utilizando situações da realidade cotidiana de Seu Joaquim em que seu comportamento é considerado grosseiro, encontramos as brechas que encaminham a transição entre homem real e personagem construído. Há situações em que são tão semelhantes, que não conseguimos identificar a linha que separa os dois. Tampouco identificamos se esta linha existe realmente. Mesmo descrevendo situações da realidade cotidiana de Seu Joaquim, temos características do personagem. E o personagem, como já declarado pelos próprios poetas, é inspirado no comportamento de Seu Joaquim.

Em todas as matérias, percebemos uma tentativa de explicar o comportamento de Seu Lunga, de justificar a fama, para além da criação do personagem. As explicações de situações que faziam Seu Joaquim oferecer respostas grosseiras aos seus interlocutores realizam as aproximações entre seu comportamento e a forma como isso se transforma em anedota. Isso é feito com as explicações do próprio Seu Lunga em entrevistas, justificando não tolerar o que chama de "pergunta besta", e também com as falas de pesquisadores e de pessoas que conviveram com ele e que relatam as mesmas justificativas discursivas.

No jornal impresso, a morte de Seu Lunga aparece no dia 25 de novembro⁵. Trata-se de um especial abordando a importância de Seu Lunga para a cultura cearense. O título da matéria fala em uma herança de Seu Lunga, que é explicada no subtítulo como uma "marca forte no imaginário popular". O homem morre, mas o personagem permanece vivo.

Esta reportagem tem um caráter diferenciado dos demais textos publicados sobre a morte de Seu Lunga. Aqui, além de dar espaço para mais fontes (um pesquisador,

4. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/11/24/noticiafortaleza,3352545/amigos-e-familiares-se-despedem-de-seu-lunga.shtml> Acesso: 20 de março de 2015.

5. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2014/11/25/noticiasjornalvidaearte,3352789/a-heranca-de-seu-lunga.shtml> e <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2014/11/25/noticiasjornalvidaearte,3352827/o-lunga-dos-cordeis.shtml> Acesso: 20 de março de 2015.

uma cordelista, uma vizinha e um colecionador de folhetos), o reporter dá ênfase a uma busca pela identificação do homem real e pelos motivos que o transforma em personagem. Considera a característica do personagem como fama atribuída ao homem real em alguns momentos, em outras refere-se às respostas espontâneas deste homem real que se transforma em personagem. O transito aqui é mais marcado: percebemos muito mais elementos de realidade cotidiana, porque o repórter mostra que percebe que o personagem é construído. Mesmo que mencione traços que considera grosseiros por parte de Seu Joaquim, estes são acompanhados de situações cotidianas que parecem explicar o posicionamento do homem real diante das ditas "perguntas idiotas". Os elementos disponíveis nesta matéria encontram na realidade cotidiana possíveis elementos que levam à criação do personagem.

A matéria fala ainda em sucessores de Seu Lunga, que mostra novamente um trânsito entre realidade cotidiana e ficção, pois estes tanto podem ser indivíduos de famas semelhantes, como novos personagens com as mesmas características de grosseria. A matéria tem uma coordenada sobre o Lunga dos cordéis, que marca uma saída de foco do homem e vai ao personagem. Contextualiza os processos criativos e associa aos folhetos, a partir da fala de um colecionador, a fama de Seu Lunga e a consequente transformação de sua personalidade em mito, ou folclore.

O texto é concluído com uma explicação do colecionador que situa Seu Lunga no imaginário coletivo, o que nos leva a compreendê-lo definitivamente como personagem, como nunca teria se reconhecido. Isso, na realidade, seria uma atribuição popular, de todo mundo que escreveu ou que leu cordéis e, a partir disso, produz novas significações atribuídas a ele e ressignifica o personagem para além do homem real. Neste contexto, quem teria morrido? Esta morte poderia representar mais a humanidade ou o olimpismo de Seu Lunga?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma tranitoriedade entre real e ficção nos relatos sobre Seu Lunga, quando isso se fazia em vida. Ao morrer, e esta morte virar notícia, o trânsito permanece, talvez até com um fluxo mais intenso. Os relatos incluem causos que popularizam a fama de Seu Lunga, ao passo em que buscam justificativas e explicações para o comportamento, seja resgatando entrevistas com Seu Joaquim, conversando com pesquisadores e conhecidos, ou mesmo em um artigo de um psicanalista que avalia as práticas de Seu Lunga como cotidianas e possíveis para qualquer indivíduo.

Observamos aqui que a cultura popular entra nos espaços da mídia hegemônica ainda resgatando o exótico, o curioso, o extraordinário. Os textos permanecem mitificando o personagem, até para validar a midiaticização da sua morte enquanto celebridade humanizada. A própria caracterização de Lunga nas matérias se faz de uma forma muito próxima ao que se descreve nos cordéis.

Em vida, Seu Lunga, em alguns momentos, teve direito a uma representação de "outro lado", "outra face", "outro olhar", como acontece com toda celebridade, identificada e reconhecida pelo imaginário e que tem sua vida cotidiana explorada em um sentido de mostrar que "eles são como nós" e, portanto, não seguem padrões de comportamentos, têm aspectos que ficam à sombra quando os holofotes são lançados a apenas

uma característica. Assim, Seu Lunga já apareceu como poeta, como comerciante, como homem comum. Mas, na ocasião de sua morte ele retorna ao mito e assim representado – ainda que a morte seja a maior representação de humanidade para um indivíduo.

Assim, Seu Lunga permanece sem ser reconhecido se homem ou personagem na cobertura do Jornal O Povo, que muitas vezes confunde os dois, até quando tenta justificar a criação do imaginário. Como folkmídia, a cobertura aqui apresentada não reconhece de forma clara o fluxo entre realidade e ficção, tampouco esclarece isso ao leitor. Isso se deve ao fato de que, neste caso, home real e personagem compõem o mesmo indivíduo e a partir disso lhe atribui fama e status de olimpiano.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHO, Gilmar. *Lyra Popular: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- LUYTEN, Joseph. Folkmídia: uma nova visão de folclore e de folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina. *Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos*. São Paulo: Ductor, 2006
- MORIN, Edgar. *O espírito do tempo 1: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.